

INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL: O APEGO INTERESPÉCIE

Luiza Alves

Simone Steyer

(Faculdade Evangélica de Novo Hamburgo – IENH – Novo Hamburgo RS)

Resumo

Este estudo investigou as relações e os comportamentos de apego que os humanos desenvolvem na interação com seus animais de estimação por meio de uma entrevista individual e semiestruturada com seis participantes de 23 a 56 anos de idade. Os dados coletados foram analisados por meio da análise de conteúdo, e os resultados confirmam pesquisas anteriores que apontam fortes vínculos entre humanos e seus animais de estimação, incluindo características como senso de responsabilidade, bem-estar e processo de luto diante da perda do animal. Neste sentido, este estudo aponta que a interação entre humanos e seus animais apresenta evidências que sustentam a importância da continuidade de pesquisas nesta área, uma vez que a relação interespecie pode promover bem-estar aos humanos, assim como práticas em diferentes modalidades e atividades terapêuticas no campo da clínica ampliada.

Palavras-chave: Apego; bem-estar; animais de estimação; vínculo.

Abstract

Human-Animal Interaction: Interspecies Attachment

This study investigated the relationships and attachment behaviors that humans develop in the interaction with their pets through an individual and semi-structured interview with six participants from 23 to 56 years old. The information collected were analyzed through content analysis, and the results confirm previous research that points to strong bonds between humans and their pets, including features such as sense of responsibility, well-being and grieving process towards of animal loss. In this sense, this study points out that the interaction between humans and their animals presents evidences that support the importance of the continuity of research in this area, once the interspecies relation can promote well-being to humans, as well as practices in different modalities and therapeutic activities in the enlarged clinic field.

Keywords: Attachment; well-being; *pets*; bond.

Introdução

A relação do homem com outras espécies tem sido pensada em sua complexidade desde a década de 1940,

mas, somente a partir de 1980, os estudos ganharam força no cenário internacional em áreas como a Etologia, a Medicina Veterinária e a Psicologia. Um dos principais precursores deste tema foi

Konrad Lorenz (1903-1989) — ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia em 1973 — ao publicar sua obra *Man Meets Dog* (1949), na qual relata o convívio com seus cães em sua família. Nesse estudo, Lorenz apresenta minuciosamente a evolução da interação entre humanos e cães, abordando a domesticação desta espécie e sua convivência com os homens (Lorenz, 2002).

Anos mais tarde, pesquisadores como Templer et al. (1981); Johnson, Garrity e Stallones (1992); Paul e Serpell (1993); Beck e Katcher (1996); e Archer (1997) desenvolveram pesquisas e instrumentos que favoreceram a compreensão acerca da interação e do apego interespecie. Os resultados de seus estudos encontraram a presença de aspectos como: o bem-estar físico e psicológico; sensação de conforto e segurança; suporte social, dependência e a redução da pressão arterial em pessoas que interagem com seus animais de estimação.

No Brasil, os estudos acerca deste tema começaram a surgir por meio de pesquisas nos mais diversos campos, como o Direito, a Antropologia, a Psicologia e a Medicina Veterinária há pouco mais de trinta anos, ainda que não sejam tão difundidos. Alguns destes trabalhos enfatizam o significado psicológico dos animais de estimação; os benefícios da interação; o apego; a relação de amor; o

animal como membro familiar; o processo de luto; o antropomorfismo; e a Terapia Assistida por Animais (TAA) (Fuchs, 1987; Garcia & Botomé, 2008; Carvalho & Pessanha, 2013; Silva & Medeiros, 2014; Tatibana & Costa-Val, 2009; Pastori & Matos, 2015; Meireles & Lima, 2016; Giumelli & Santos, 2016; Geissler, Junior, & Disconzi, 2017).

O interesse da Psicologia na compreensão da interação e o apego entre humanos e animais tem sido representado por pesquisas que utilizam a Teoria do Apego de Bowlby (1958/1969) como modelo teórico uma vez que ainda não foi desenvolvida uma teoria sobre apego humano-animal (Archer, 1997; Faraco, 2008; Nagasawa, Mogi, & Kikusui, 2009; Silva & Medeiros, 2014). De forma geral os estudos realizados têm destacado que a interação humano-animal parece exercer uma função importante no desenvolvimento psicológico dos humanos, ainda que existam lacunas sobre fatores positivos e negativos dessa relação. Conviver com os animais, para algumas pessoas, mostra-se tão importante quanto estar na companhia de outros indivíduos (Archer, 1997; Martins et al., 2013).

1 Breve Histórico da Interação Humano-Animal

Durante muitos anos, humanos e animais têm se relacionado de diferentes maneiras, em variadas culturas e contextos sócio-históricos. Há indícios de que as primeiras manifestações da interação humano-animal são milenares, e que o cão, o gato e o cavalo; o jumento, o bode e a galinha; a ovelha, o porco e a vaca têm sido algumas das primeiras espécies a serem domesticadas pelo homem há aproximadamente 9 mil anos (Burton, 1981; Wratten, 1981; Serpell & Mc Cune, 2012). Burton (1981) aponta que todos os animais descritos “provaram ser de excepcional utilidade, proporcionando-nos alimento, vestuário, segurança em nossas casas e ajuda na caça, ou se constituíam em animais sagrados ou oferecidos em sacrifício” (p. 5).

Segundo Serpell e Mc Cune (2012), a prática de manter animais de estimação não é algo apenas relacionado à cultura ocidental e ao materialismo. Foram encontrados na Ásia — em Ain Mallaha, Israel — e na Europa resquícios arqueológicos de cães por aproximadamente 14 mil anos enterrados ao lado de humanos, enquanto que no Egito, há cerca de 9,5 mil anos, o gato foi a espécie mais mantida pelos homens (Nagasawa, Mogi, & Kikusui, 2009; Serpell & Mc Cune, 2012). Lorenz (2002) faz reconhecer que, tanto o cão quanto o gato, são espécies que serviram ao homem

na qualidade de caçadores, afastaram pragas, ofereceram a proteção do território e conforto (Rillo, 2006).

Partindo da análise dos desenhos pré-históricos até os dias atuais, é possível constatar que os animais despertam o interesse dos humanos (Garcia, 2009). Com o passar dos anos, os homens deram o nome de “animais de estimação” às espécies que se mantiveram mais próximas, excepcionalmente os cães e gatos. Segundo Costa (2006), o termo “animal de estimação” ou “animal de companhia” é utilizado para a tradução de *pets*, do inglês, que deriva do francês *petit*, que remete a um “termo carinhoso utilizado por prazer e companheirismo” (Miranda, 2011, p. 1; Giumelli & Santos, 2016). Neste sentido, os animais de estimação são aqueles mantidos pelos humanos por razões afetivas (Abinpet, [2018?]).

2 Interação e Apego

Lev Semyonovich Vigotski (1896-1934) foi um dos precursores da Psicologia do Desenvolvimento, destacando o papel fundamental da interação entre o sujeito e o seu meio para a aquisição de conhecimentos, transformações e experiências (Aranha, 1993). Segundo Aranha (1993), Vigotski pontuou, em sua abordagem sociointeracionista, que o

sujeito interativo é aquele “que se constrói socialmente, ao mesmo tempo que participa ativamente da construção do social” (p. 26). É a partir da interação que a subjetividade se exprime (Aranha, 1993). A interação, neste sentido, é pautada por um sistema de trocas entre os sujeitos e com o seu meio, onde estes dão significado ao ambiente que os cercam (Aranha, 1993).

Em relação ao apego, John Bowlby (1907-1990) foi um dos teóricos mais influentes de sua época ao postular a Teoria do Apego (1958). Bowlby dedicou-se ao estudo do apego, no início da década de 1960, essencialmente entre mãe e filho, afirmando que a aproximação entre ambos garantiria proteção e segurança ao bebê (De Toni et al., 2004). Como De Toni et al. (2004) apontam, é através da interação mãe-bebê e do investimento parental que o vínculo é estabelecido. Segundo Ramires e Schneider (2010) o “apego é um tipo de vínculo no qual o senso de segurança de alguém está estreitamente ligado à figura de apego” (p. 26). Neste sentido, é por meio do comportamento de apego que é evidenciada a qualidade do vínculo entre mãe e/ou principal cuidador e bebê, o qual compreende a busca por conforto e segurança, sendo esta aproximação uma base segura (De Toni et al., 2004; Dalbem & Dell’Aglio, 2005; Ramires & Schneider, 2010).

Segundo Bowlby (1976/1990) e Gomes (2011), o comportamento de apego é entendido como qualquer forma de comportamento que visa uma aproximação com outro indivíduo, sendo este o mais apto a lidar com o mundo à sua volta. Bowlby e Ainsworth (1976/1990; 1985) elencaram um repertório comportamental básico de apego, conforme Pires (2017) ressalta, como “aproximar-se, orientar-se, seguir, manter-se perto, tocar, sorrir, chorar, vocalizar, fazer contato visual, buscar aconchego e agarrar-se ao outro [...]” (p. 45). Estes comportamentos passam a integrar um sistema comportamental maior — entendido como o comportamento de apego — focados na principal figura de apego (Pires, 2017).

Sendo assim, este estudo buscou investigar as relações e os comportamentos de apego que os humanos desenvolvem na interação com seus animais de estimação. Neste sentido, este estudo teve como expectativa a idéia de que a relação de apego que as pessoas desenvolvem com seus animais de estimação produz bem-estar e outros aspectos mais positivos do que negativos.

3 Método

Para a realização deste trabalho utilizou-se o método de pesquisa qualitativa do tipo exploratória. A pesquisa

qualitativa caracteriza-se por ser um modelo de estudo que resulta, principalmente, na interpretação de realidades sociais, na elaboração de documentos escritos e na entrevista individual ou grupal do (s) participante (s) em questão (Bauer, Gaskell e Allum, 2002). Já uma pesquisa do tipo exploratória considera que o tema escolhido a ser abordado em um estudo é pouco explorado, constituindo uma etapa, muitas vezes, inicial para uma investigação mais abrangente e posterior (Gil, 2008). Segundo Gil (2008), um dos objetivos principais de uma pesquisa exploratória é proporcionar uma visão geral do assunto estudado, aproximando o pesquisador de seu objeto de pesquisa.

3.1 Participantes e Procedimentos

Foram entrevistados seis participantes por conveniência, a partir do critério de acesso facilitado para a realização desta pesquisa. Como requisito fundamental para a seleção dos participantes, pretendeu-se, a partir de um breve questionário realizado no ato do convite, verificar os critérios de inclusão a seguir:

- a) que os participantes tivessem idade acima de 18 anos;

- b) que fossem residentes na Região do Vale dos Sinos e/ou Região Metropolitana de Porto Alegre;
- c) que houvessem animais de estimação de diferentes espécies dentre os participantes e que estes fossem os principais cuidadores e responsáveis pelo animal;
- d) que os participantes e o (s) animal (ais) convivessem na mesma residência;
- e) e que os participantes não apresentassem sintomas atuais relacionados a alguma psicopatologia e acompanhamento médico.

Os participantes deste estudo preencheram todos os critérios de inclusão. Sendo assim, após o convite para participar foi realizada a apresentação do projeto de pesquisa e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com agendamento prévio para a entrevista.

3.2 Considerações éticas

O projeto de pesquisa deste estudo foi submetido ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CEP-CONEP) por meio da Plataforma Brasil e, posteriormente, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Feevale sob o CAAE

99154718.7.0000.5348, em outubro de 2018.

3.3 Instrumentos

Para a coleta de dados foi realizada a Entrevista sobre Interação e Apego entre Humanos e seus Animais de Estimação, sendo esta desenvolvida pela pesquisadora deste trabalho com base nos estudos de Fuchs (1987), Johnson, Garrity e Stallones (1992), Beck e Katcher (1996), Archer (1997), Martins et al. (2013) e Giumelli e Santos (2016). A entrevista é individual e semiestruturada, contendo 18 questões pré-estabelecidas.

Também foi aplicado um breve questionário, antecedendo a entrevista, que corresponde aos dados sociodemográficos como: idade, sexo, estado civil, escolaridade, ocupação e cidade onde reside (preenchidos pela entrevistadora).

As entrevistas foram realizadas na residência de cada participante (considerando o critério de inclusão *d*) através de combinação antecipada com contato prévio. Cada entrevista foi efetuada em apenas um único encontro com cada participante e o tempo esperado para a sua realização estimou-se em aproximadamente 90 minutos (01 hora e 30 minutos). Para o registro dos relatos de cada participante, a entrevista teve o auxílio do aplicativo Gravador de Voz

(versão 1.17.01131500) da Samsung[®] Galaxy J1 (2016), salvo em smartphone.

3.4 Análise de Dados

O método de análise de dados utilizado foi a análise de conteúdo em pesquisa qualitativa postulada por Laurence Bardin (1977). A partir da análise das entrevistas foram construídas categorias elencando elementos e seus significados através da realidade expressa no material coletado (Bardin, 1977; Caregnato & Mutti, 2006). A classificação de temas e seu agrupamento para a análise são primordiais ao considerar os aspectos comuns entre os elementos encontrados (Caregnato & Mutti, 2006).

Neste sentido, o procedimento adotado para a análise de dados seguiu a seguinte sequência:

- a) transcrição manual e literal do material registrado em áudio;
- b) identificação de unidades e elementos significativos destacados no texto, facilitando o processo de análise posterior;
- c) organização das unidades e elementos significativos em categorias de análise;
- d) seleção e separação de temas, e nomeação das categorias.

4 Resultados e Discussão

Para a apresentação dos dados sociodemográficos optou-se por preservar

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos participantes

Nome	Idade	Sexo	Estado civil	Escolaridade	Ocupação	Cidade onde reside
Júlia	23	F	União Estável	Ensino Superior Incompleto	Acadêmica de Musicoterapeuta	Novo Hamburgo
Artur	27	M	União Estável	Ensino Superior Completo	Economiário	Novo Hamburgo
Édson	37	M	União Estável	Ensino Superior Incompleto	Técnico de Informática	Novo Hamburgo
Cássio	40	M	União Estável	Pós-Graduação	Psicólogo	São Leopoldo
Ieda	54	F	União Estável	Pós-Graduação	Psicopedagoga	Novo Hamburgo
Marta	56	F	Casada	Ensino Fundamental Incompleto	Dona de casa	Novo Hamburgo

Durante a coleta de dados, especificamente na entrevista com a participante Júlia ocorreu a presença de seu companheiro Artur, que contribuiu com as respostas. A entrevista com Júlia, então,

a identidade dos participantes e de seus animais através da designação de um nome fictício (tabela 1).

alterou-se para uma entrevista com o casal, somando as colocações de Artur às suas. Na tabela 2, apresentam-se os animais de cada participante, a quantidade correspondente e o nome atribuído a eles:

Tabela 2: Os animais de cada participante, a quantidade e os nomes correspondentes

Participantes	Animais que possuem	Quantidade	Nomes dos animais
Júlia e Artur	Gato	2	Rey e Hyrule
Édson	Cão e Gato	3, 1	Seco, Doris, Neguinha e Jack
Cássio	Cão	2	Neto e Dora
Ieda	Cão	2	Kako e Orfeu
Marta	Cão e Calopsita	1, 1	Guri e Rosinha

Quanto ao andamento das entrevistas, não houve intercorrências ou suspensão desta por parte dos participantes ou da pesquisadora, tendo, em todos os momentos, um processo de execução e finalização realizado com sucesso. Os

entrevistados mantiveram abertura e receptividade para responder à entrevista, sendo efetivamente colaborativos. Além disso, seus animais de estimação mantiveram-se presentes, participando com

sua companhia, latidos, cantos, miados e carícias.

As categorias de análise foram desenvolvidas a partir dos temas em comum que apareceram de forma recorrente nas entrevistas. Ao final, foram construídas 8 categorias que serão apresentadas a seguir:

4.1 Procedimentos de Cuidado, Sensibilidade e Responsabilidade

A relação de cuidado que os participantes afirmaram manter com seus animais de estimação evidenciou uma postura sensível e responsável perante estes, sendo exemplificadas nas falas dos cuidadores a preocupação com a saúde dos animais.

Bowlby (1976/1990) considera o termo “apego-cuidado” como uma classe de vínculo social que se aplica somente quando há compromisso ou troca de ambas as partes que se relacionam. O ato de cuidar é especificado, assim, como o comportamento em relação a alguém que seja menos capaz de agir desta forma, fazendo parte de um “programa diádico partilhado” entre dois seres (Bowlby, 1990, p. 402) — neste caso, entre o cuidador e o animal. A função biológica do comportamento de apego, atrelado ao cuidado, visa essencialmente a proteção. O comportamento de cuidado, neste sentido,

é complementar ao comportamento de apego, pois só há vínculo com aquele que oferece algum tipo de cuidado (Bowlby, 1989).

4.2 Sensação de bem-estar que fortalece a relação

Ao referir o bem-estar, alguns cuidadores citaram sensações e percepções que ocorrem na interação com seus animais, como a pacificidade e a leveza que estes trazem, a distração em relação ao estresse e a problemas percebidos, e a reciprocidade entre dar e receber carinho.

Dalbem e Dell’Aglío (2005) descreveram que a figura de apego é aquela que está disponível e oferece respostas, bem como na troca de carinho e no cuidar, o que proporciona a ambos os seres o sentimento de segurança que fortifica a relação. É possível que, com isto, os cuidadores apresentem um apego seguro com seus animais de estimação, sendo o contato com estes o que lhes traz proteção e conforto (Bowlby, 1989).

Diante de situações difíceis ou adversas, como relatado, os cuidadores parecem perceber suas mascotes à disposição na maior parte do tempo, respondendo aos seus cuidadores com sua proximidade e carinho (Bowlby, 1989). Para Gutiérrez, Granados, & Piar (2007), amar incondicionalmente um animal é ter a

certeza de que o amor e o cuidado prevalecem na vida cotidiana. Além disso, os animais podem atuar na relação como “amortecedores de estresse”, fornecendo um efeito “calmante” aos cuidadores (Serpell & Mc Cune, 2012).

4.3 O animal é um ser que compreende a partir do vínculo estabelecido com seu cuidador

Os participantes atribuíram aos seus animais a capacidade de estes compreenderem e sentirem fenômenos intrínsecos à experiência humana, como emoções e sentimentos vividos por seus cuidadores, além de consolá-los. Alguns cuidadores, também, referiram que seus animais parecem “pressentir” quando o cuidador não está bem ou quando há algum problema, manifestando atitudes emocionais.

Bowlby (1976/1990) faz uma ressalva importante em relação ao papel comunicativo dos sentimentos e emoções, destacando que a precisão da avaliação de ânimo de um ser, por parte do homem ou de outro animal, pode indicar a sua participação na vida social. Aqui, neste sentido, os cuidadores concederam aos seus animais a possibilidade de sentirem e perceberem suas emoções. Para Almeida et al. (2009), os animais também possuem a capacidade de sentir emoções e expressá-

las; de ter consciência e personalidade próprias.

4.4 O animal é (como se fosse) um membro da família

Os cuidadores consideram seus animais como (se fossem) integrantes da sua família, cuja a maioria os trata, especificamente, como (se fossem) filhos no grupo familiar. Alguns participantes afirmaram que esta relação proporciona uma aprendizagem para quando assumirem a maternidade ou paternidade e que os cuidados com o animal são os mesmos do que com um familiar humano.

A definição de família tem mudado com o passar do tempo, incluindo os animais como membros do grupo familiar, atualmente, evidenciando a proximidade, a intimidade e os laços afetivos com os humanos. Diferente de se pensar em consanguinidade, a família que legitima os animais de estimação como integrantes deste grupo é chamada de família multiespécie, mantendo-se a relação de afeto, respeito e harmonia entre homens e animais. É importante considerar que, neste sentido, os animais participam ativamente da rotina do lar, sustentando o vínculo afetivo (Witter, 2016). Mantê-los no conjunto familiar e em relação com os seres humanos também representa uma estratégia e um suporte para lidar com os

desafios de sobreviver em sociedade (Geissler, Júnior, & Disconzi, 2017).

Muitos cães e gatos, assim como outros animais domesticados atualmente e que convivem com seus cuidadores, passam por um processo de humanização (antropomorfismo), sendo atribuídas características específicas do ser humano e tratados, muitas vezes, como se fossem crianças no seio familiar (Tatibana & Costa-Val, 2009). Esta atribuição afirma os sentimentos maternos e paternos dos cuidadores, uma vez que os animais são seres que se mostram dependentes dos humanos para a manutenção de comida, atenção e carinho. Assim como uma criança, os animais necessitam de um adulto capaz de lhes fornecer os cuidados necessários para sua sobrevivência (Bowlby, 1976/1990; Pinto, 2018).

4.5 Presença e companhia

Para os cuidadores, os animais promovem a sua presença e lhes fazem companhia até mesmo durante algumas de suas atividades diárias, como um momento de lazer ou a hora de fazer alguma refeição, despertando sentimentos positivos que oferecem sentido à esta relação. Os animais, ainda, acabam por conquistar espaços na vida de seus cuidadores, fortalecendo a presença e o companheirismos na relação com estes.

Segundo Fuchs (1987), é possível pensar que os animais proporcionam aos seus cuidadores disponibilidade constante a estes, como fonte de afeto ininterrupto, em que a tolerância e a amizade se sobressaem. Ainsworth (1985) considera a amizade também como um vínculo duradouro na vida de uma pessoa, em que há valorização de ambas as partes e proximidade no decorrer do relacionamento. Além disso, a presença dos animais, segundo os cuidadores, parece promover uma base segura diante de um relacionamento amigável, fortalecendo os laços de confiança e afeto (Bowlby, 1982).

4.6 Aconchego e proximidade

Em seus relatos, alguns participantes evidenciaram que a proximidade mantida com seus animais envolve reciprocidade afetiva entre os cuidadores e seus animais. Além disso, o aconchego com seus animais indica ser um momento dedicado à sensação de bem-estar e prazer entre eles e seus animais.

Os cuidados maternos, como Bowlby (1976/1990) descreveu, podem ser compreendidos por meio de um “comportamento maternal”, que se refere, neste caso, ao retorno do filhote ou bebê de volta ao ninho ou aos braços de sua mãe. Aqui é possível destacar um fator

primordial deste comportamento: a “recuperação”, que consiste em “reduzir a distância entre o bebê e a mãe” e conservá-lo, restabelecendo o contato (Bowlby, 1990, p. 257; Pires, 2017). Isto se aplica às atitudes mencionadas pelos participantes em relação aos seus animais, bem como a resposta destes aos seus comportamentos maternos. A recuperação, neste sentido, possui uma função protetiva, manifestando o impulso dos cuidadores por estarem próximos de seus mascotes.

Havendo a necessidade de estarem perto de seus animais de estimação, comportamentos como: dormir junto com animal ou mantê-lo sobre o peito; fazer-lhe cócegas, oferecer-lhe o colo, conversar e beijá-lo, evidenciam a essência do comportamento de apego, sendo esta a “manutenção da proximidade” (Bowlby, 1990, p. 209; Beck & Katcher, 1996).

4.7 Luto e elaboração da morte do animal

Conforme os cuidadores referiram, o luto pela morte do animal é uma realidade vivida e sentida, sendo carregada de emoções e significados, bem como o sentido espiritual concedido ao processo de morrer.

Conforme Fuchs (1987), havendo formação de vínculo, diante da perda do animal, também há sofrimento para o cuidador, considerando a qualidade e

intensidade do vínculo entre ambos. Evidentemente, por meio dos relatos dos cuidadores, percebe-se a possibilidade de se pensar na existência do luto pela morte de seus mascotes e de que maneira foram capazes de lidar com esta. Meireles e Lima (2016) apontam que “o processo de perda e luto ocorre de maneira angustiante e conflituosa, mesmo que o conceito estrutural de morte já tenha sido elaborado” (p. 93). No entanto, quando há a existência de uma base segura, conforme Bowlby (1989), passar e viver o luto se torna menos prejudicial à saúde do enlutado.

O luto pela morte do animal, muitas vezes, não é reconhecido e autorizado pela sociedade, o que, para muitos, invalida a relação humano-animal (Oliveira, 2013; Silva & Medeiros, 2014). É comum, neste caso, haver embaraço ao mostrar o pesar da perda, para algumas pessoas, mesmo que a morte de um animal se assemelhe à perda de um ser humano (Fuchs, 1987).

Rituais de passagem, diante da morte do animal, também podem ocorrer como uma forma de passar pelo processo de luto, senti-lo e trazer conforto aos cuidadores. Os rituais possuem função psicológica, social e protetiva, segundo Oliveira (2013), promovendo a expressão de sentimentos relacionados à perda do animal e a avaliação da sensação de vazio

repentino. Considerando, também, que o animal faz parte da família, a perda deste como membro familiar tende a afetar os outros integrantes, bem como as relações estabelecidas com e entre eles (Gazzana & Schmidt, 2015).

A aceitação da morte do animal leva em consideração o reconhecimento deste como um membro da família, o sentido da relação estabelecida com ele durante a vida e a reconstrução do significado do vínculo, o qual possui ligação exclusivamente interna a partir deste momento (Oliveira, 2013). Quando a aceitação da perda do animal se torna um fenômeno presente esta é considerada um fator esperado para o luto normal, uma vez que o desespero diante da morte ou sua iminência já não se manifesta como em estados de negação ou raiva (Meireles & Lima, 2016).

4.8 O animal supre carências e ausências

Esta categoria indica o que a maioria dos cuidadores manifestou neste aspecto, a percepção de seus animais como substitutos parentais em algum momento de suas vidas e/ou depositários de afeto dos sentimentos humanos. Os animais também são capazes de preencher o vazio sentido e percebido por seus cuidadores, bem como promovem o alívio da saudade

de outros familiares humanos e não-humanos.

Bowlby (1976/1990) afirma que é possível haver mais de uma figura de apego para os seres humanos e que diferentes figuras podem resultar em padrões comportamentais distintos. Entretanto, a figura principal de apego, para os bebês, por exemplo, é aquela que dispõe de maior tempo para cuidá-lo, sendo, muitas vezes, a mãe natural. Ainda assim, cabe destacar que os animais de estimação, para seus cuidadores, possam emergir como uma figura de apego tão importante quanto uma figura principal em suas relações (Bowlby, 1976/1990; Ainsworth, 1985).

Bowlby (1976/1990) considera a importância das figuras subsidiárias de apego, sendo aquelas que desempenham uma função de apoio quando não há a presença real de uma figura principal de apego ou sua ausência temporária. Este aspecto também pode estar relacionado ao papel do animal como um ser que supre carência de afeto, sendo substituto de relações vinculares enfraquecidas e/ou desfavorecidas (Bowlby, 1976/1990; Fuchs, 1987; Archer, 1997).

A solidão também é um fator que possui destaque, principalmente em estudos internacionais (Beck & Meyers, 1996; Plumed, 2017), os quais evidenciam que interagir com os animais de estimação

e cuidá-los são indicadores para diminuir ou superar o sentimento de solidão dos humanos. O companheirismo de um animal, neste sentido, pode ser uma maneira de enfrentar e evitar a solidão, sendo uma fonte de satisfação diante da restrição ou ausência de outros confidentes humanos (Plumed, 2017).

Fuchs (1987) também ressalta que, muitas vezes, o relacionamento com os animais de estimação é mais fácil do que com outro ser humano, considerando-os como prazeres substitutivos. Para Tatibana e Costa-Val (2009), é comum aos cães e gatos desempenharem a função de uma criança substituta, aquela que jamais crescerá e sequer abandonará seus pais humanos. Archer (1997) chama a atenção para um tipo de relação entre pessoas e seus animais que pode condizer com uma deficiência nos relacionamentos humanos. Esta interação representa uma modificação destas relações, em que se salientam características de dependência, relaxamento e diversão. Isto porque cães e gatos, por exemplo, apresentam emoções e humor semelhantes aos seres humanos, diferindo apenas no modo como são expressados. Por serem tratados de maneira muito próxima aos seus cuidadores, os animais acabam vivendo o mesmo estilo de vida destes (Archer, 1997).

5 Considerações Finais

A partir dos resultados obtidos foi possível confirmar que a Teoria do Apego de Bowlby parece ser um modelo adequado para analisar a relação entre os cuidadores e seus animais de estimação. Os cuidados fornecidos aos animais, a eleição dos mascotes como membros da família com sua presença e proximidade, e o processo de luto são fenômenos que se mostraram presentes durante a análise. A percepção de bem-estar ao conviver e interagir com os animais e o papel destes ao aliviar carências e ausências também parecem ser aspectos consideráveis no fortalecimento e continuidade do vínculo afetivo.

Vale ressaltar que apesar de grande parte dos estudos sobre apego ter se concentrado nas primeiras relações parentais e filiais estabelecidas, especialmente, entre mães e bebês, é possível afirmar, de acordo com Bowlby (1979/1990), que a necessidade de uma figura de apego não se limita só às crianças, mas se estende a qualquer faixa etária. Para os adultos, assim como ocorre com crianças e adolescentes, o apego tem uma função crítica para o estabelecimento de relacionamentos e para a continuidade de segurança e manutenção da estabilidade emocional (Weiss, 1991).

Apesar de, em muitos casos, os animais passarem por um processo de humanização da espécie, seria um equívoco qualificar as relações de apego humano-animal apenas sob a ótica da substituição afetiva e parental. Os animais de estimação dos participantes deste estudo se apresentaram como uma fonte promissora de apoio e suporte social aos seus cuidadores, confirmando estudos anteriores e a hipótese do presente trabalho. Estes aspectos corroboram resultados de estudos anteriores, os quais apontaram os possíveis benefícios e malefícios da relação humano-animal (Beck & Katcher, 1996; Rillo, 2006; Serpell & Mc Cune, 2012). Os benefícios e malefícios puderam ser considerados como fatores positivos e negativos, os quais se relacionaram estreitamente com a hipótese inicial deste trabalho, que sugeriu encontrar a sensação de bem-estar como ponto crucial do apego entre os cuidadores e seus mascotes.

A interação entre humanos e seus animais, por meio deste estudo, apresentou-se como um tema relevante para a continuidade de novas pesquisas e achados na ciência psicológica, principalmente no que condiz ao extenso campo da clínica ampliada e possíveis práticas e políticas públicas para o futuro. Ao constatar que os animais de estimação produzem sensação de bem-estar e são

importantes fatores de proteção ao desenvolvimento humano, é válido refletir sobre a relação interespecie e processos de saúde, inclusive avançando na discussão sobre a perspectiva da participação de animais em diferentes modalidades e atividades terapêuticas (Garcia & Botomé, 2008). Neste sentido, com relação ao município de Novo Hamburgo, há a Lei Municipal 3.034/2017 aprovada recentemente, que visa à visitação de animais de estimação aos seus cuidadores em hospitais e ambientes terapêuticos cadastrados ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Como exemplo de inovações no campo da clínica em Psicologia, vale realizar discussões e estudos sobre o benefício de desenvolver estratégias terapêuticas que envolvam a participação de animais em populações idosas, uma vez que compõem um significativo grupo que enfrenta perdas e à solidão como os desafios inerente ao ciclo vital. A influência de animais durante a velhice pode estimular o convívio com outras pessoas, as relações de cuidado e o aconchego, servindo como fonte de suporte emocional e companhia (Costa, 2006). A presença de animais como apoio ao tratamento de pacientes com depressão também pode promover a redução de sintomas depressivos pela proximidade e

sensação de conforto que o animal proporciona (Zasloff, 1996).

A reflexão sobre a importância desta temática foi um exercício que se fez constante durante todo o processo de construção e análise do presente estudo. Os

achados corroboram com evidências em pesquisas na área, confirmando a relevância e o potencial da investigação sobre os efeitos da interação humano animal para a prática e pesquisa em Psicologia.

Referências

- Ainsworth, M. D. (1985). Attachments across the life span. *Bulletin of the New York Academy of medicine*, 61(9), 792. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1911889/>
- Almeida, M. L., Almeida, L. P. D., & Braga, P. F. D. S. (2009). Aspectos psicológicos na interação homem-animal de estimação. *Anais do IX Encontro Interno & XIII Seminário de Iniciação Científica*, São Paulo. Recuperado de <https://ssl4799.websiteseuro.com/swge5/seg/cd2009/PDF/IC2009-0113.pdf>
- Aranha, M. S. F. (1993). A interação social e o desenvolvimento humano. *Temas em Psicologia*, 1(3), 19-28. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v1n3/v1n3a04.pdf>
- Archer, J. (1997). Why do people love their pets?. *Evolution and Human behavior*, 18(4), 237-259. [https://doi.org/10.1016/S0162-3095\(99\)80001-4](https://doi.org/10.1016/S0162-3095(99)80001-4)
- Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET). [2018?]. *Mercado pet Brasil 2018*. Recuperado de <http://abinpet.org.br/faq>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, PT: Edições 70.
- Bauer, M. W., Gaskell, G., & Allum, N. C. (2002). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. In Bauer, M. W., & Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2 ed. Petrópolis, SP: Editora Vozes.
- Beck, A. M., & Katcher, A. H. (1996). *Between pets and people: The importance of animal companionship*. West Lafayette, IN: Purdue University Press.
- Beck, A. M., & Meyers, N. M. (1996). Health enhancement and companion animal ownership. *Annual review of public health*, 17(1), 247-257. <https://doi.org/10.1146/annurev.pu.17.050196.001335>
- Bowlby, J. (1976). *El vínculo afectivo*. Buenos Aires, AR: Editorial Paidós.

- Bowlby, J. (1982). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda. A natureza do vínculo*. (2. ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Burton, J. (1981). *Animais domésticos*. São Paulo, SP: Siciliano.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto Enfermagem*, 15(4), 679-84. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>
- Carvalho, R. L. S., & Pessanha, L. D. R. (2013). Relação entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do rio de janeiro. *Revista Sociais e Humanas*, 26(3), 622-637. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/index.php/sociaisehumanas/article/view/6562>
- Costa, E. C. (2006). *Animais de estimação: uma abordagem psico-sociológica da concepção dos idosos* (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil. Recuperado de http://www.uece.br/cmasp/dmdocuments/edmarachaves_2006.pdf
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 57(1), 12-24. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672005000100003&script=sci_abstract&tlng=en
- De Toni, P. M., De Salvo, C. G., Marins, M. C., & Weber, L. N. D. (2004). Etologia humana: o exemplo do apego. *Psico-USF*, 9(1), 99-104. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712004000000012. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712004000100012>.
- Faraco, C. B. (2008). *Interação humano-cão: o social constituído pela relação interespecie*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/620>
- Fuchs, H. (1987). *O animal em casa: Um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico do animal de estimação* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, SP, Brasil. 10.11606/T.47.2018.tde-27042018-151119.
- Garcia, M. P. (2009). *Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92255>

- Garcia, M. P., & Botomé, S. P. (2008). Da domesticação à terapia: o uso de animais para fins terapêuticos. *Interação em Psicologia*, 12(1), 165-167. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v12i1>
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (2. ed.). Petrópolis, SP: Editora Vozes.
- Gazzana, C., & Schmidt, B. (2015, setembro). Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespécie. *Anais do III Congresso de Pesquisa e Extensão da Faculdade da Serra Gaúcha*, Caxias do Sul, 3(3), 1000-1020. Recuperado de <http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/1600>
- Geissler, A. C. J., Junior, A. P., & Disconzi, N. (2017). Reconhecimento dos animais de estimação como membros da família multiespécie, no ordenamento jurídico-brasileiro. In Biasoli, A. C. J., & Calgaro, C. *Fronteiras da bioética: os reflexos éticos e socioambientais*. Caxias do Sul, RS: Educ. Recuperado de https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-fronteiras-bioetica_2.pdf
- Giumelli, R. D., & Santos, M. C. P. (2016). Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 22(1), 49-58. <https://doi.org/10.18065/RAG.2016v22n1.6>
<https://doi.org/10.18065/RAG.2016v22n1.6>
- Gil, A. C. (2008). Pesquisa social. In *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo, SP: Atlas.
- Gomes, A. D. A. (2011). *A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista - UNESP, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97442>
- Gutiérrez, G., Granados, D. R., & Piar, N. (2007). Interacciones humano-animal: características e implicaciones para el bienestar de los humanos. *Revista colombiana de psicología*, 16(1), 163-184. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3245451>
- Johnson, T. P., Garrity, T. F., & Stallones, L. (1992). Psychometric evaluation of the Lexington attachment to pets scale (LAPS). *Anthrozoös*, 5(3), 160-175. <https://doi.org/10.2752/089279392787011395>
- Lorenz, K. (2002). *Man meets dog*. Londres, UK: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203166086>
- Martins, M. de F., Pieruzzi, P. A., Santos, J. P., Brunetto, M. A., Fruchi, V., Ciari, M., Luppi, M. J. da, & Zoppa, L. M. de. (2013). Grau de apego dos proprietários com os animais de companhia segundo a Escala Lexington Attachment to Pets. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, 50(5), 364-369. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-3659.v50i5p364-369>

- Meireles, I. O., & Lima, F. F. L. C. (2016). O Luto na Fase Adulta: Um Estudo Sobre a Relação Apego e Perda na Teoria de John Bowlby. *Revista Ciências Humanas*, 9(1). Recuperado de <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/274>. <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2016.v9.n1.a274>
- Miranda, M. I. L. D. A. (2011). *A importância do vínculo para os donos de cães e gatos nas famílias portuguesas*. (Relatório final de estágio). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, Portugal. Recuperado de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/54040/2/Relatrio%20Final%20%20Maria%20Isabel%20Miranda%2020102011.pdf>
- Nagasawa, M., Mogi, K., & Kikusui, T. (2009). Attachment between humans and dogs. *Japanese Psychological Research*, 51(3), 209-221. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5884.2009.00402.x>
- Oliveira, D. D. (2013). O luto pela morte do animal de estimação e o reconhecimento da perda. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, São Paulo, Brasil. Recuperado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15313>
- Pastori, É. O., & de Matos, L. G. (2017). Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, 3(1), 112-132. <https://doi.org/10.24305/cadecs.v3i1.12277>
- Paul, E. S., & Serpell, J. A. (1993). Childhood pet keeping and humane attitudes in young adulthood. *Animal Welfare*, 2(4), 321-337. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/James_Serpell/publication/248334878_Pet_ownership_in_childhood_its_influence_on_attitudes_towards_animals/links/5ad76932a6fdcc2935836a28/Pet-ownership-in-childhood-its-influence-on-attitudes-towards-animals.pdf
- Pinto, N. S. (2018). *Bem-estar animal: relação homem-animal no conceito da humanização de animais*. (Monografia). Centro Universitário de Formiga - UNIFOR, Formiga, MG, Brasil. Recuperado de <https://bibliotecadigital.uniformg.edu.br:21015/jspui/handle/123456789/636>
- Pires, M. D. S. A. (2017). *As ciências desenvolvimentais e o desafio da complexidade epistemológica: uma análise da teoria do apego de Bowlby* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia - UFB, Salvador, BA, Brasil. Recuperado de https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/marcelo_pires_tese.pdf
- Plumed, A. P. (2017). *Actitudes, tenencia y vínculo con animales de compañía: Relación con la personalidad, recursos y salud psicológica* (Doctoral Thesis). Universidad de Sevilla - US, Sevilla, Espanha. Recuperado de <https://hdl.handle.net/11441/70049>
- Ramires, V. R. R., & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(1), 25. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000100004>
- Rillo, S. (2006). *Cães, donos e dores humanas*. Porto Alegre, RS: Martins Fontes.

- Serpell, J. A., & Mc Cune, S. (2012). *Livro de bolso do Waltham sobre interações entre humanos e animais*. Leicestershire, UK: Waltham.
- Silva, N. R., & Medeiros, M. (2014). Amor e perda: a importância de acompanhar proprietários de animais terminais. *Revista Científica do curso de Medicina Veterinária-FACIPLAC*, 1(1), 19-30. Recuperado de <http://revista.faciplac.edu.br/index.php/Revet/article/view/123>
- Tatibana, L. S., & da Costa-Val, A. P. (2009). Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. *Revista Veterinária e Zootecnia em Minas*, 28(103), 12-18. Recuperado de <http://www.crmvmg.gov.br/RevistaVZ/Revista03.pdf#page=11>
- Templer, D. I., Salter, C. A., Dickey, S., Baldwin, R., & Veleber, D. M. (1981). The construction of a pet attitude scale. *The Psychological Record*, 31(3), 343-348. <https://doi.org/10.1007/BF03394747>
- Toma, R. H. C. (2017). *Amor canino: emoção, mercado e subjetividades entre seres humanos e cães de estimação na cidade de São Paulo* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo -USP, São Paulo, Brasil. 10.11606/D.8.2018.tde-18052018-134239
- Weiss, D. R. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In Colin, M. P., Stevenson-Hinde, J., & Marris, P. (eds). *Attachment in the life cycle*. New York, EUA: Travistock/Routledge.
- Witter, I. C. (2016). *A família contemporânea e o animal doméstico: uma reflexão acerca do status do animal no contexto familiar e os efeitos dessa relação no Direito*. (Monografia). Universidade Federal de São Caetano do Sul - USCS, São Caetano do Sul, SP, Brasil. Recuperado de <http://repositorio.uscs.edu.br/handle/123456789/1109>
- Wratten, P. (1981). *Cães*. São Paulo, SP: Siciliano.
- Zasloff, R. L. (1996). Measuring attachment to companion animals: a dog is not a cat is not a bird. *Applied Animal Behaviour Science*, 47(1-2), 43-48. [https://doi.org/10.1016/0168-1591\(95\)01009-2](https://doi.org/10.1016/0168-1591(95)01009-2)

As autoras:

Luiza Alves graduada em Psicologia pela Faculdade IENH, de Novo Hamburgo (RS) ORCID: orcid.org/0000-0002-7588-2250. E-mail: luizaalvespsic@gmail.com

Simone Steyer, doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do curso de graduação em Psicologia pela Faculdade IENH, de Novo Hamburgo (RS). ORCID: [Orcid.org/0000-0002-1422-6567](https://orcid.org/0000-0002-1422-6567). E-mail: mone.steyer@gmail.com

Recebido em: 17/10/2019.

Aprovado em: 30/12/2019.